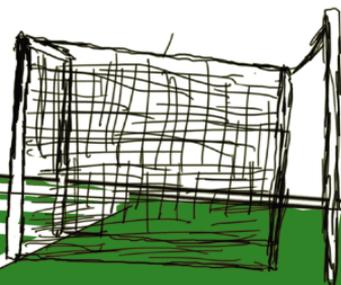
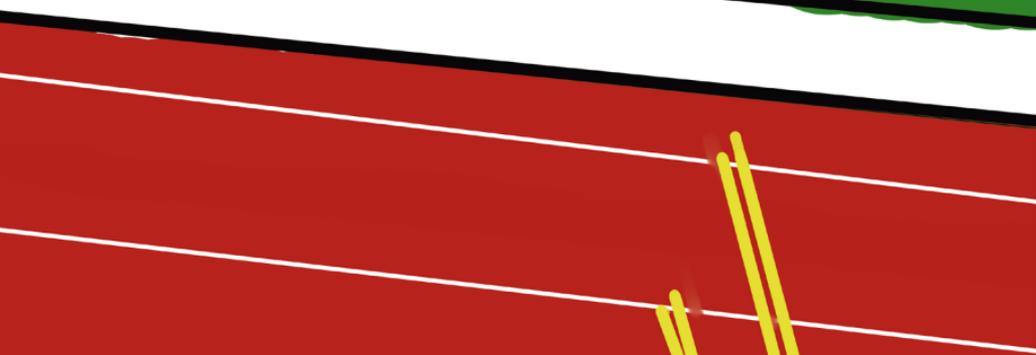


ALÉM  
DAS  
QUATRO  
LINHAS



*CRÔNICAS  
MEMÓRIAS  
MÚSICAS  
E FUTEBOL*



Este livro de crônicas é um produto jornalístico desenvolvido na disciplina de Projetos Experimentais II; produzido como requisito para a obtenção do Bacharel em Jornalismo, na Universidade Federal de Ouro Preto.

**Idealização:** Lucas Santos Freitas

**Orientação:** Hila Rodrigues

**Diagramação:** Gabriel Conbê

**Ilustrações:** Bruno Miné

- 
- P. 05** **APRESENTAÇÃO**
  - P. 06** **MORADA**
  - P. 12** **O VIAJANTE**
  - P. 18** **O CLÁSSICO DOS MILHÕES:  
UMA RIVALIDADE À PARTE**
  - P. 23** **TEORIA COMPORTAMENTAL**
  - P. 30** **O PAÍS DO FUTEBOL**



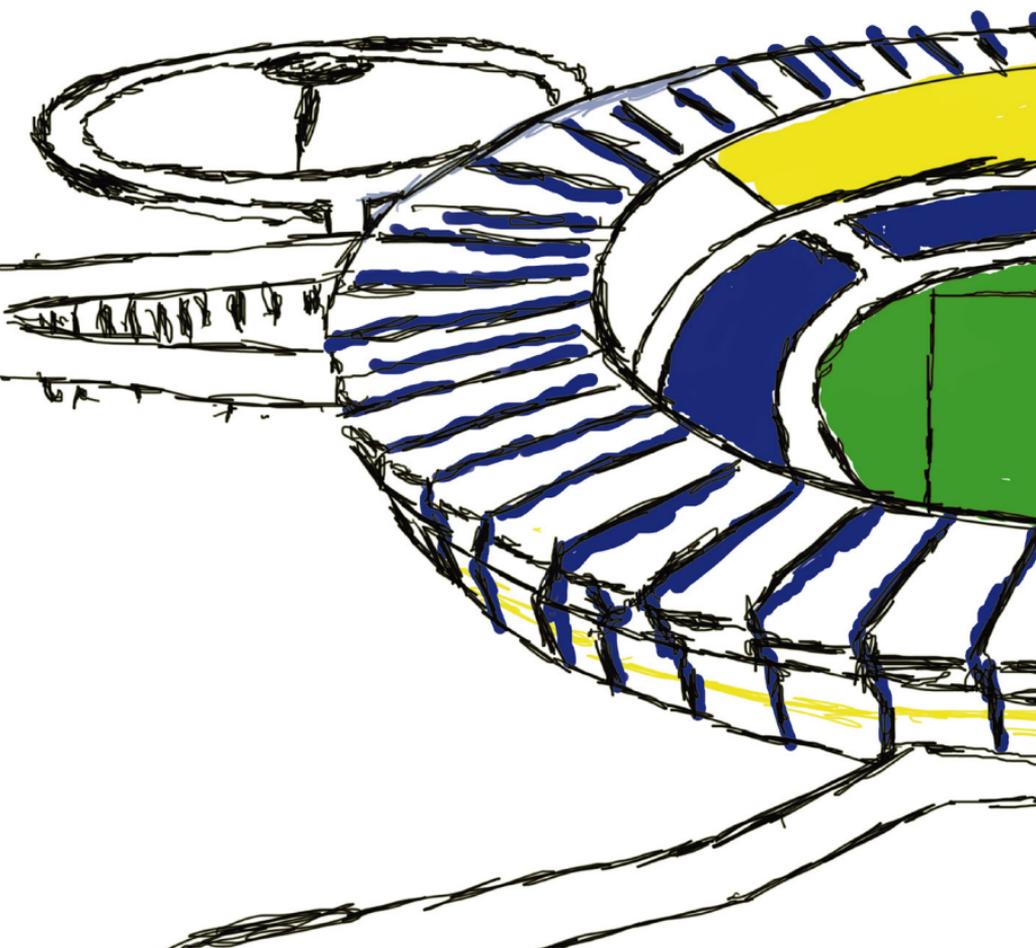
## QUANDO A ALMA TRANSBORDA

O futebol ensina a viver, a ser alegre, a ter saúde e a conquistar. Com ele eu também aprendi. Chutei uma bola antes de dar um passo. Os adversários são a verdadeira metáfora dos obstáculos da vida. Tinha uma pedra no caminho e, como todo brasileiro, driblei e fui pra dentro pra fazer o gol. Com a bola nos pés não obtive sucesso. Larguei tudo e decidi mudar de vida/estilo de jogo, mas sempre em torno do futebol.

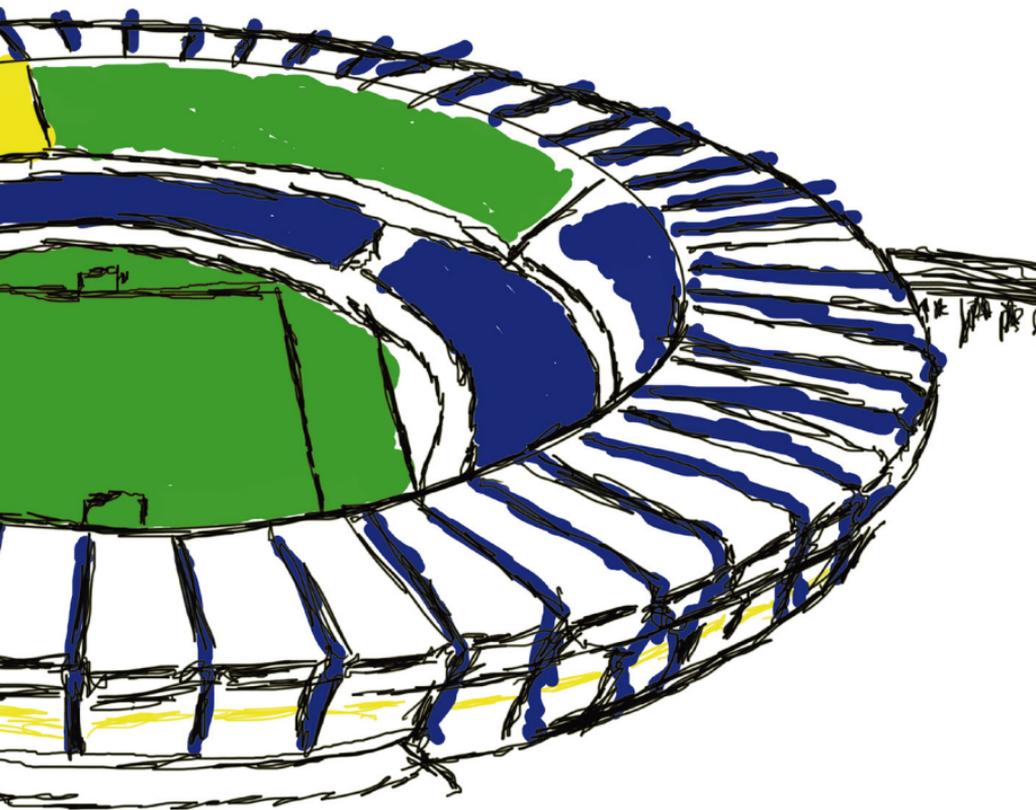
Nas aulas assistidas, durante toda a minha vida escolar, aprendi que não é preciso estar em campo para viver de futebol. Conheci Armando, Mário, Nelson, Renato, Juca, Tino, Mauro, Paulo, André, Victor e muitos outros que ganham a vida com o futebol, mas de um outro jeito: escrevendo e contando histórias do que acontece durante as partidas. Essas pessoas me inspiraram e me deram esperança. O sol nasce para todos, mas se ele não brilha para você, “erga essa cabeça mete o pé e vai na fé, manda a tristeza embora, basta acreditar que um novo dia vai raiar e a sua hora vai chegar” – como canta o Revelação, grupo de pagode. E tem o rapper César MC, que, em uma de suas músicas, diz assim: “Deus escreve planos de paz, mas também nos dá a caneta”. Dessa forma eu refiz meus planos e descobri que, através do jornalismo, posso viver de futebol. A partir daí fiz dele a minha vida.

Com reportagens, crônicas, contos e pautas posso expor realidades, mitos e lendas desse esporte. Nesse livro, optei pelas crônicas. Cinco, ao todo. As histórias são atravessadas por afetos e memórias ternas. Sentimentos. E quando não cabem no corpo, é quando a alma transborda.

# MORADA



*Leia ao som de: "Carioca - Joe Kinni, Jakko e Bianca Chami";  
"Bom dia Rio - BossaCucaNova"; "Rio porque tô no Rio - Danilo  
Cutrim, Vitor Isensee e Dedeco" e "Rio (Puro Suco) - Marcelo D2".*



Estamos no ano de 1995, mais precisamente no dia 26 do mês de junho, às 23h45. Para muitas pessoas foi um dia comum, mas não para Letícia da Silva Santos e Marcelo Rocha de Freitas. Os dois formavam um casal e moravam juntos na rua Gavião Peixoto, que fica em Icaraí, um bairro nobre da cidade de Niterói, no Rio de Janeiro. Naquele momento, estavam reunidos no extinto Hospital Santa Rosa, onde Letícia dava a luz ao pequeno Lucas.

O tempo passou. O ano agora é 2019, Lucas está com 24 anos de idade e acumula lares em lugares diferentes: Niterói, Saquarema, São Pedro da Aldeia e Araruama, no Rio, e Mariana e Ouro Preto, em Minas. Mas nada foi mais encantador que viver na cidade maravilhosa. O Rio de Janeiro é tão arrebatador para Lucas como o futebol – e quando estão juntos, o Rio e o futebol, a felicidade está completa.

O Rio tem muito a ver com o futebol, na verdade. E, na vida de Lucas, a cidade está estreitamente ligada ao esporte. Foi no Rio que o amor do jovem pelo futebol nasceu, cresceu e se consolidou. Também foi no Rio que ele deu os primeiros passos rumo a esse esporte – era onde estavam os clubes de categorias de base e onde aconteceram as primeiras peladas.

Muito antes de ter sido, por algum tempo, a capital do Brasil, o Rio foi, primeiro, o lugar de refúgio da família real portuguesa quando Napoleão decidiu invadir Portugal. A cidade foi fundada no dia 1º de março de 1565, apenas 65 anos depois do descobrimento do país. Quando o assunto é beleza, o Rio, com certeza, se destaca entre outras muitas cidades. As praias e as áreas verdes encantam os visitantes.

Há certa beleza também nas favelas. Formadas no final do século XIX, as moradias desse espaço são resultado de um centro urbano superpopuloso e de transformações socioeconômicas. Fato é que as favelas se espalharam por todo o Rio de Janeiro, presentes também nas sub-regiões do centro, zona sul, zona oeste, zona norte e baixada fluminense.

Hoje em dia é praticamente impossível chegar em qualquer ponto turístico e não imaginar uma favela na paisagem. Esses lugares se enraizaram e fazem parte da estética urbana da cidade – e traz orgulho para aqueles que cresceram ali, como canta o compositor Leandro Sapucahy em sua música mais famosa: “Meu nome é favela, é do povo, do gueto, a minha raiz, becos e vielas, eu encanto e canto uma história feliz, de humildade, verdadeira, gente simples, de primeira.”

Com o futebol a história é bem parecida. Uma das versões existentes sobre o início do esporte aqui é a de que o paulista Charles Miller voltou de uma viagem à Inglaterra com duas bolas na mala. A partir daí, foi disputado o primeiro jogo de futebol em São Paulo. Em outras versões, a história é a de que teria sido nas praias do Rio que o futebol foi praticado pela primeira vez. Como estamos falando do final do século XIX, não se sabe ao certo qual foi a primeira partida realizada em solo brasileiro nem onde ocorreu. O que realmente importa é que o esporte tornou-se uma febre por aqui e até hoje tem status semelhante ao de uma religião.

O Rio de Janeiro sempre foi uma das cidades de maior importância para o futebol do país. Clubes tradicionais da cidade como Fluminense, Bangu, Botafogo, América, São Cristóvão,

Flamengo e Vasco foram pioneiros sob vários aspectos relacionados ao esporte enquanto praticado no Brasil. Exemplos disso são a construção de estádios, a inclusão de negros e pobres no esporte e até mesmo o uso de uniformes.

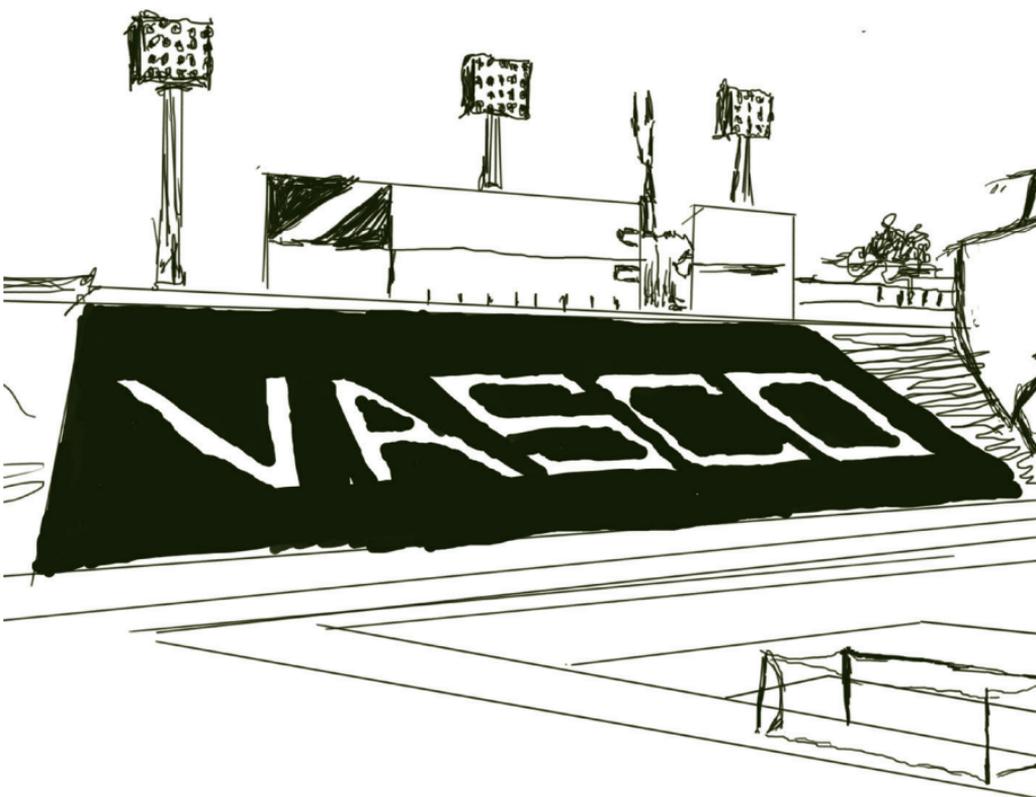
Além dos clubes e de suas ações pioneiras, é importante lembrar que o Rio foi a capital do Brasil até os anos 1960. Muita coisa aconteceu na cidade em 50 anos de futebol: o campeonato brasileiro foi criado, os campeonatos estaduais foram fortalecidos, outros campeonatos passaram a ser disputados e, enfim, o país sediou uma copa do mundo. Mas talvez o mais marcante de todos os eventos tenha sido a construção do então maior estádio do mundo: o estádio Jornalista Mário Filho – ou simplesmente Maracanã, o “Maraca”.

Templo do futebol, já foi palco de duas copas do mundo, olimpíadas, pan-americanos, copa das confederações, copa América, campeonato mundial de clubes da FIFA, libertadores da América, copa Sul-Americana, campeonato brasileiro, campeonato carioca, amistosos internacionais, amistosos nacionais e por aí vai. O Maracanã é a “calçada da fama”, o museu do futebol. São aspectos que revelam uma cidade que é berço do futebol nacional. E onde o futebol se transformou. Nas praias, virou futebol de areia – que virou futevôlei, que virou altinha.

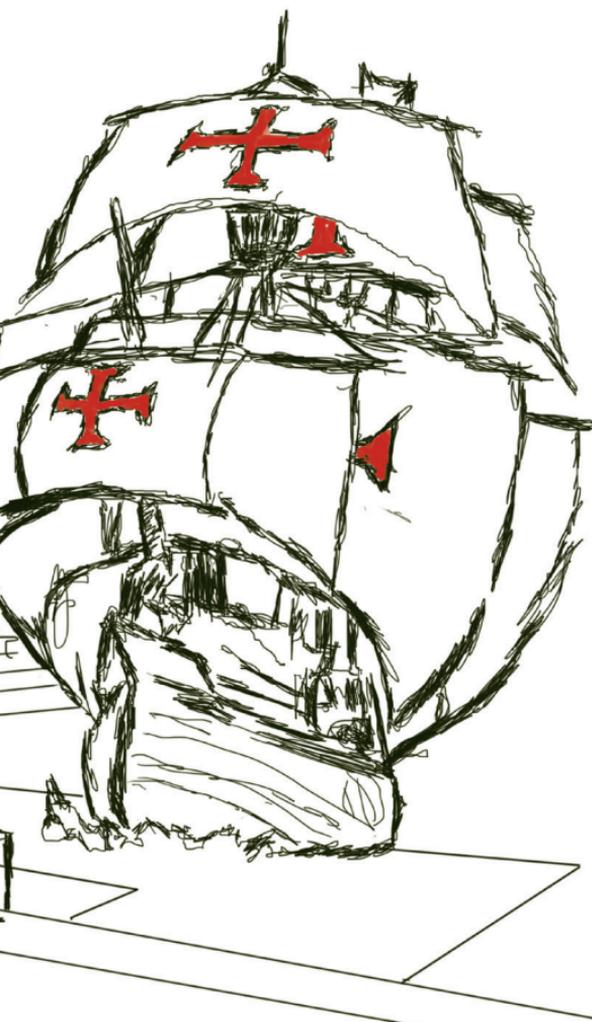
Para se formar em jornalismo – e assim contar histórias de futebol –, Lucas trocou o Rio de Janeiro por Minas Gerais durante alguns anos, mas carrega o apelido de carioca onde quer que esteja. Uma homenagem ao lugar de onde vem. A profissão que abraçou é a mesma de Mário Filho, que deu nome ao

Maracanã. E que tinha Nelson Rodrigues como irmão – outro jornalista, também cronista. Tudo inspira Lucas nessa trajetória entre o futebol e o Rio, até chegar ao jornalismo. O Rio de Janeiro é morada: de Lucas e do futebol, agora registrada em crônicas. E que assim seja.

# O VIAJANTE



*Leia ao som de “De Gama a Vasco, a Epopéia da Tijuca  
– Unidos da Tijuca 1998”.*



Vos convido para uma viagem no tempo. O ano? 1469. Trinta e um anos antes de o Brasil ser descoberto por Pedro Álvares Cabral. Nesse ano, nascia, em uma casa próxima à capela de Nossa Senhora das Salvas – que fica em Sines, um dos poucos portos portugueses localizados na costa do Alentejo, povoado por pescadores – um menino que, num futuro não tão distante, tornar-se-ia um dos maiores navegadores e exploradores portugueses. Seu nome? Vasco da Gama.

Uma das cantigas de um samba enredo da Escola de Samba do Rio Unidos da Tijuca diz: “Através da mão divina, eu naveguei”. De fato, Vasco o fez. Na sua expedição mais famosa, descobriu e navegou pela rota que leva à costa ocidental da Europa até a cidade de Calecute, na Índia, contornando o Continente Africano pelo Oceano Atlântico. Ao todo, a viagem durou 794 dias (ou dois anos, dois meses e dois dias). No início as frotas contavam com 148 homens, mas apenas 55 retornaram a Portugal. De qualquer maneira, Vasco conseguiu completar um plano que levou 80 anos para ser concluído e, com isso, recebeu o título de Almirante-Mor dos Mares das Índias. Um gigante das águas que se fez imortal.

Avançando em nossa viagem no tempo, chegamos agora a 1898. O Rio de Janeiro – ou Estado da Guanabara – possuía o título de República dos Estados Unidos do Brasil, o equivalente, atualmente, à “capital do Brasil”. Como os laços da Coroa Portuguesa com o Brasil ainda eram fortíssimos, muitos portugueses optaram pelo solo brasileiro, mais precisamente pelo Rio de Janeiro.

Eis, então, que 62 idealistas brasileiros e portugueses deci-

dem criar um Clube para figurar, à época, nos campeonatos de Remo e Regatas. Reunidos no salão de um sobrado, na rua da Saúde, número 293 (atual rua Sacadura Cabral, número 345), criaram o Clube de Regatas Vasco da Gama – em homenagem ao IV Centenário da Descoberta do Caminho Marítimo para as Índias – e que celebra o navegante em seu hino: “Tu tens o nome do heroico português, Vasco da Gama sua fama assim se fez.”

E que fama. O Vasco se filiou à União de Regatas e estreou no dia 4 de junho de 1899. A primeira vitória da equipe se deu, pela primeira vez, numa competição. As histórias de lutas, glórias e vitórias começava bem na Enseada de Botafogo. Depois do time de remo, vieram a ginástica, o tiro esportivo, a natação, o atletismo, a esgrima, o polo aquático, a luta greco-romana e, por fim, o futebol, em 26 de novembro de 1915.

A primeira vitória do time de futebol do Vasco veio em 1916. O Primeiro título em 1922. Em 1923, disputando a elite do futebol carioca, o clube deu vida aos chamados “camisas negras”, com uniforme parecido com o da Ordem de Cristo, com uma cruz de malta vermelha do lado esquerdo do peito. O clube conquistou o campeonato com uma sequência de onze vitórias, dois empates e apenas uma derrota.

Nos dois anos seguintes o Vasco enfrentou como um verdadeiro gigante a maior batalha de sua história. Conhecido como “A Resposta Histórica”, o conflito ocorreu porque, após o Vasco ter sido campeão em 1923 com um time composto por negros e operários da época, clubes como Flamengo e Fluminense, impediram o cruz maltino de participar do campeonat-

to de 1924, alegando que os jogadores não eram “profissionais” - pois eram negros e além de atletas, trabalhavam como operários -, e que o clube não possuía um estádio próprio.

Sendo assim, o Vasco disputou os campeonatos menores de 1924, e voltou em 1925 com uma carta assumindo seus jogadores e repudiando qualquer tipo de racismo ou preconceito dentro do futebol. A partir deste dia, podemos ter, no Brasil, Pelés com habilidades de outro mundo, Garrinchas desfilando os maiores dribles vistos, Didis, Romários e outros tantos gênios brasileiros formados nos anos que viriam. Em 1927, como parte da épica resposta carregada de orgulho, o então presidente da República, Washington Luís, e todos os outros “brancos da elite”, depararam-se com o maior Estádio da América Latina: nascia ali São Januário, construído pelas mãos dos próprios torcedores vascaínos. Era a real representação do Clube do Povo. O estádio permaneceu sendo o maior da América Latina até 1940 e foi palco de diversas festas cívicas, dentre elas aquela que marcou a assinatura das leis trabalhistas (que constituem a CLT, a Consolidação das Leis do Trabalho de 1943) por Getúlio Vargas.

Com os passar dos anos, Pelé, Didi, Barbosa, Garrincha, Tostão, Bellini, Roberto Dinamite, Sorato, Edmundo, Romário, Juninho Pernambucano, Juninho Paulista, Pedrinho, Felipe e outros tantos já vestiram a Cruz de Malta. Torneio internacional de Paris, copa Mercosul, copa libertadores da América, campeonato brasileiro, copa do Brasil são alguns dos títulos importantes já conquistados. O Clube de Regatas Vasco da Gama ficou mundialmente conhecido graças à viagem do grande navegador. Um mar de descobertas e culturas.

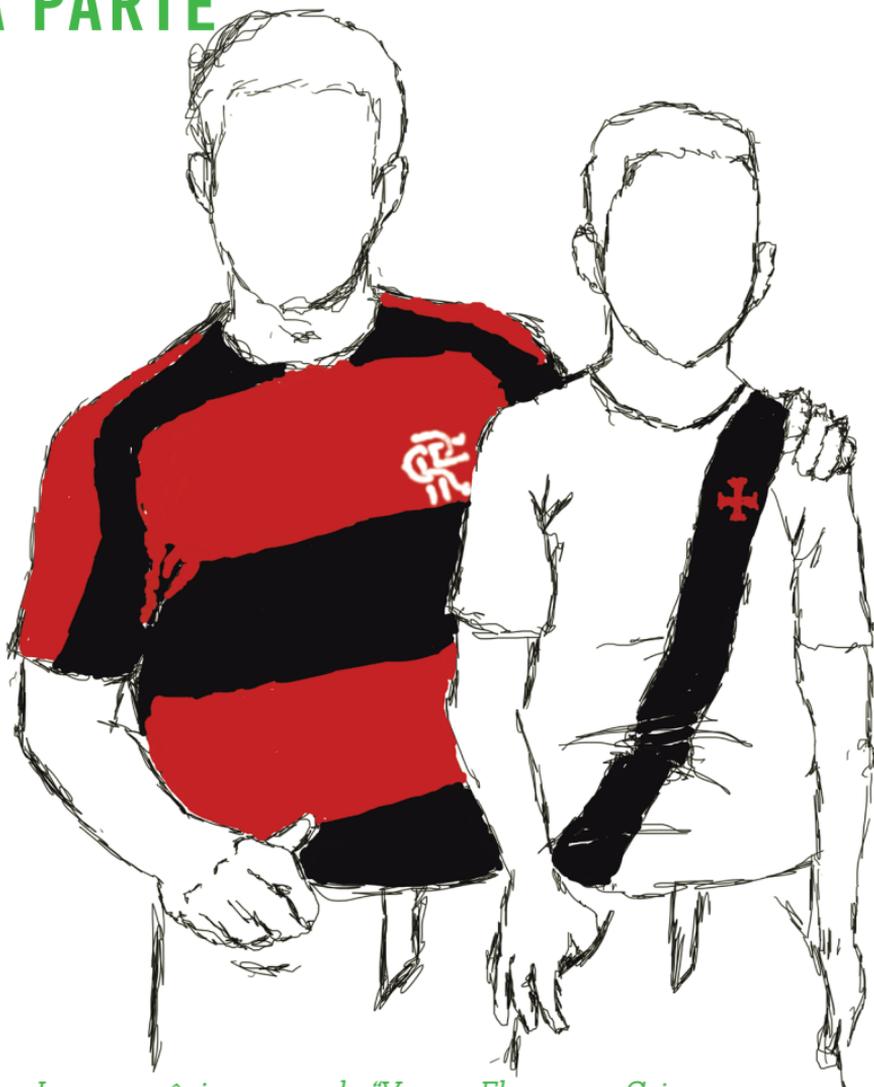
A viagem no tempo está chegando ao fim. Estamos no ano de 1995. “Enquanto houver um coração infantil, o Vasco será imortal”, já diz o hino do clube. Naquele ano nascia, no extinto Hospital Santa Rosa, em Niterói, mais um vascaíno. Filho de Marcelo Freitas e neto de Edson Freitas, ambos torcedores do Cruz Maltino, o menino Lucas já trazia as cores preto, branco e vermelho no sangue. Criado no futebol por Anselmo Santos, flamenguista de peito aberto, e Fernando Almeida (carinhosamente apelidado de ÔÔ por viver cantando a canção “Vascão ôô, vascão ôô”), o menino escolheu (ou foi escolhido) pelo clube português.

No final da década de 90 e início dos anos 2000 o Vasco viveu sua era de ouro, tendo sido coroado com o título da Libertadores da América, maior competição das Américas, no ano de seu centenário. Conquistou dois campeonatos brasileiros e surpreendeu a todos com a virada mais bonita da história no alvorecer do novo século. Carregado de histórias emocionantes, muitas glórias e desafios, o Vasco é, para seu torcedor, um time quase divino, a despeito das dificuldades que marcam todas as equipes de futebol de tempos em tempos.

Uma viagem só é boa quando rende boas histórias – e disso o Vasco pode se orgulhar. O navegador Vasco da Gama, para estar no ranking dos lendários, chegou a perder mais de cem homens em alto mar. O clube, por sua vez, não deixou ninguém para trás. Ao contrário: em jogadas de mestre, caminhou sempre junto, não importando raça, credo, religião ou situação financeira. Que honra ser. Saiba, sou vascaíno.

Muito prazer!

# O CLÁSSICO DOS MILHÕES: UMA RIVALIDADE À PARTE



*Dica: Ler essa crônica ao som de: "Vasco x Flamengo - Caju e Castanha" e "O Campeão - Nequinho da Beija-Flor".*

A rivalidade entre Vasco e Flamengo é muito mais velha do que eu poderia imaginar. Começou no final do século XIX, ainda com os dois clubes em formação. Os primeiros confrontos aconteceram com os esportes de regata, como o remo, por exemplo. Marcado por confrontos sempre muito acirrados, o Flamengo tem apenas um título a mais que o Vasco, contabilizando 47 para o primeiro e 46 para o segundo, respectivamente. Em 1916, século XX, teve início a rivalidade futebolística.

Com o futebol, Vasco e Flamengo tornaram-se mais que clubes profissionais do Rio. Embalados por toda a rivalidade presente desde os tempos do remo, nasceu o “clássico dos milhões”, nome dado pelo sucesso de bilheteria. Se o jogo fosse no Maracanã então, sinônimo de casa cheia. No início, com os ingressos a preços populares, a geral e a arquibancada ficavam tomadas por torcedores, dando lugar ao fanatismo que passaria de geração a geração. Detalhe: a “geral” era o espaço mais baixo e próximo do campo, nela os ingressos eram mais baratos e as pessoas podiam assistir ao jogo em pé.

O tempo e o fanatismo serviram de tempero para o caldeirão da rivalidade, criando um clima hostil para o clássico. Apesar de os torcedores ainda comparecerem aos estádios, as tradicionais torcidas organizadas começaram a levar o confronto tão a sério que brigas começaram a ser comuns dentro e fora dos estádios. Contudo, o resto da grande massa torcedora continua contra a violência - e torcedores de ambos os times podem conviver em harmonia, mas não sem uma provação saudável; um sorriso debochado. É extremamente comum um torcedor torcer para a derrota do adversário - e, quando ela vem, é acompanhada de uma provocação, é inevitável.

Com toda essa construção da rivalidade, soa quase um crime quando algum filho, irmão, afilhado ou ente querido escolhe torcer para o seu time rival. E é nesse momento que o amor, o respeito e os laços familiares são colocados à prova, quando o limite do torcedor é testado diante do amor fraternal. Sobre isso tenho algumas considerações: dei um desgosto profundo a um torcedor do Clube de Regatas do Flamengo, mas, como dizem os mais sábios, há males que vêm para o bem. Flamen-guistas cantam – às vezes aos prantos – o hino de seu clube, onde afirmam que teriam “um desgosto profundo se faltasse o Flamengo no mundo”. Só que essa pode não ser a única insatisfação na vida deles e essa é a história que vou contar.

Durante anos, no banheiro social da casa da minha avó, descansava empoeirado, em cima do espelho, um livro de Armando Nogueira intitulado “A Ginga e o Jogo”. Em algum momento da minha adolescência, tomei a iniciativa de pegá-lo para ler. Na contracapa, escrito à mão, havia o seguinte recado: “Este livro pertence a Anselmo.” Para mim ele responde pelo nome de Dindo – afinal, todos os ídolos recebem um apelido carinhoso como forma de aproximação por parte dos fãs. Um caso bem conhecido é o de Arthur Antunes Coimbra, carinhosamente chamado de Zico ou Galinho de Quintino.

Além de ser meu padrinho, foi Dindo que me apresentou o maior vício que carregou e vou carregar por toda a minha vida: o futebol. Passei minha infância e adolescência acompanhando-o em todos os times que jogava: Barreira, Panelinha, Bonsucesso, Cirrose, os clubes de várzea da cidade de Saquarema, interior do Rio. Enquanto Dindo realizava jogadas e dribles, dentro de mim despertava um sentimento único.

Quando virei um adepto do esporte mais popular do Brasil, e possivelmente do mundo, meu maior sonho passou a ser jogador de futebol. Aos sete anos de idade, comecei a me aventurar nas quatro linhas: fui lateral direito, atacante, meio campo e, por fim, virei zagueiro – como o Dindo, claro, que era o zagueiro mais clássico e disputado da região.

Alto, forte e raçudo, Dindo dominava a parte defensiva como costumava fazer Mozer, zagueiro do Flamengo nos anos 80. Além disso, era o rei das jogadas aéreas. Na defesa, isolava as bolas para qualquer lado, afastando o perigo. No ataque, a única certeza que havia era a de que a bola iria beijar rede, arrancando os gritos de gol. Comigo foi diferente. Apesar de gostar de jogar, nunca me dei muito bem com a bola no pé. Com o passar do tempo, e sem o destaque necessário, minha carreira chegou ao fim. Me aposentei dos gramados e troquei o meião e a chuteira por caneta e papel. Com o sucesso obtido nas salas de aula, investi na carreira de jornalista. É que, finalizado o ensino médio, eu precisava escolher uma profissão a qual iria me dedicar a vida inteira. E ela tinha que estar relacionada ao maior espetáculo da Terra. No momento em que me senti mais perdido, lá estava o Dindo me direcionando, mesmo sem querer. Terminado o livro de Armando Nogueira, eu sabia exatamente o que queria fazer.

Anselmo da Silva Santos é muito mais que um padrinho para mim. É pai, amigo, torcedor, ídolo e, como um bom adepto do futebol, não perde um jogo sequer do rubro negro carioca. Mas o futebol é uma caixinha de surpresas, emoção que nunca acaba. E no Rio, onde o maior rival do Flamengo é o Vasco, eu dei um desgosto profundo a um torcedor do Clu-

be de Regatas do Flamengo: sou vascaíno e, com isso, ensinei ao Dindo que é possível amar incondicionalmente um rival. Nunca consegui ter raiva do Flamengo. Assim como cantamos na torcida pelo Vasco, o Dindo é minha vida, minha história e o meu primeiro amigo.

# TEORIA COMPORTAMENTAL

*Leia ao som de “Brazuca – Gabriel O Pensador”, “Pátria que me pariu – Gabriel O Pensador” e “Terra de Cego – Forfun”.*



Estamos no ano de 2002. O Brasil enfrenta uma crise econômica, o dólar passa a valer 3 reais e providências precisam ser tomadas no âmbito da gestão pública. O jornalista Tim Lopes, da Rede Globo de Televisão, é assassinado no Rio de Janeiro enquanto realizava uma reportagem sobre os bailes funks cariocas. Morre, também no Rio, o cantor e compositor Claudinho, eternizado por seus raps ao lado de Buchecha. Na cidade mineira de Uberaba, parte também o médium Chico Xavier, em decorrência de um problema cardíaco. O mundo parecia sacudir em sucessivas turbulências. Os Estados Unidos da América declaram guerra ao grupo terrorista Al Qaeda, liderado por Sadam Hussein, e também aos países do Oriente Médio, o Irã, o Iraque e o Afeganistão. Na Colômbia, as Farc dominam e assustam as pessoas. Um ano. Doze meses. Trezentos e sessenta e cinco dias. Poucas pessoas se lembram dos dramas vividos há exatos 17 anos. Pode ser que a memória de muitas pessoas, em um mecanismo de defesa, tenha jogado as lembranças ruins numa espécie de lixeira mental. Ou que elas tenham sido apagadas por outras lembranças.

A teoria comportamental de Daniel Kahneman e Amos Tversky resulta exatamente de investigações sobre as falhas cognitivas no processo de memorização e tomada de decisão. Essas falhas refletem o que eles chamam de heurística mental da disponibilidade, ou seja, a gama de atalhos mentais e pequenas regras que carregamos por aí, relegando fatos negativos aos labirintos ocultos da mente. O sujeito opta, assim, por preservar somente aqueles acontecimentos de caráter mais positivo ou ameno.

Boas recordações, portanto, permanecem frescas no HD neu-

rológico de todos os brasileiros. Para alguns, pode ter sido a primeira vez em Luís Inácio Lula da Silva subiu à Presidente da República. Para outros, o momento em que o Brasil tornou-se, pela quinta vez, campeão mundial de futebol – ah o penta... Parece que foi ontem!

Mas o Brasil estava desacreditado. Depois de uma campanha “meia boca” nas eliminatórias da Copa do Mundo, com derrotas para as seleções de Bolívia, Equador e Paraguai – e quatro técnicos com passagens curtas pela seleção canarinho, a saber: Vanderlei Luxemburgo, Candinho, Emerson Leão e Luís Felipe Scolari – chega a convocação. Juninho Pernambucano, Djalminha e Romário fora da Copa. Desespero, raiva e descrença definiam o sentimento de todos os torcedores. Mas os brasileiros constituem um povo diferente.

Mesmo sem ter conhecimento sobre aquilo que Anderson Polga, Roque Júnior e Kleberston (um jovem meia do Atlético Paranaense) estavam fazendo no Japão com a delegação – bastou um jogo da seleção para que a confiança aumentasse e a esperança invadissem o coração da torcida. Aconteceu. Brasil 2 a 1 na Turquia. O resto da Copa é história, uma linda história guardada a sete chaves no coração.

Lembro bem daquela Copa. A primeira que tive o prazer de assistir e acompanhar. Jogos que começavam antes do café da manhã – ou depois do início da madrugada. Naquele tempo, a cidade de Saquarema não era só um destino turístico no litoral do Rio de Janeiro. Era lar. Suas praias e a tranquilidade traziam paz a um peito ansioso que, com apenas 6 anos de idade, já respirava futebol.

As conversas nos lugares em que o esporte popular era o assunto do dia começavam e terminavam da mesma forma:

*- Como que não leva o Romário para a Copa, pô?! O baixinho está voando! Ronaldo acabou de voltar de uma cirurgia no joelho, já vi esse filme. Repeteco da Copa de 98.*

*- Vamos ver, né?! Tudo bem que foi estreia e que pegamos a Turquia, mas ganhamos de 2 a 1. Vai que dá certo...*

E foi assim durante toda a Copa, jogo por jogo. Vencíamos, belas atuações individuais e coletivas, mas a incerteza permanecia. Como quando alguém espera dar errado para dizer “Eu avisei!”.

O colégio azul e branco – com o nome pintado no muro em letras garrafais, CASA ESCOLA CORUJINHA – guardou crianças aflitas durante todo o mês de junho. Em dia de jogo do Brasil não havia aula, mas o pátio cimentado, com uma enorme amendoeira no meio, parecia o Maracanã lotado. Foi assim em todas as partidas nos dias de semana. Já aos sábados e domingos a diversão ficava por conta da família. Ruas pintadas, bandeira e tinta guache no rosto. Quanto mais avançava a seleção na Copa, mais empolgados e confiantes ficavam os torcedores, até que chegamos às quartas de final. A partir daí, sabíamos que os jogos seriam marcantes e inesquecíveis – tanto em caso de vitória ou de derrota.

Às 3 horas da manhã do dia 21 de junho, Brasil e Inglaterra se enfrentavam. Logo no primeiro tempo, o lendário atacante inglês Michael Owen abriu o placar. Naquele momento a boca

secou, bateu um frio na espinha e o “Eu avisei” escorregou pelo canto da boca, deixando um gosto amargo. Mas o futebol é uma caixinha de surpresas – frase clichê, mas tão acertada em tantos momentos. Foi nos acréscimos, ainda do primeiro tempo, que Ronaldinho Gaúcho fez aquela jogada genial, tocando para Rivaldo marcar.

Depois veio a segunda etapa, iniciada com aquele jogo empatado. A partida virou um Deus nos acuda, com o jogo truncado e os atletas cheios de vontade de gol. Falta para o Brasil quase do meio campo. Era uma bola para cruzar na área. Como num passe de mágica, Ronaldinho Gaúcho, carinhosamente apelidado de “bruxo” pelos torcedores, chuta e faz a bola morrer direto no fundo da rede. Era o gás que os brasileiros precisavam. A energia do Penta seguia viva.

Na semifinal, dia 26 de junho de 2002, o pequeno Lucas completava 7 anos, com direito à festa e tudo. Em um jogo marcado por nervosismo e sustos, o Brasil venceu com um placar mínimo de um a zero, com gol de Ronaldo, aquele mesmo, o fenômeno. O grande lance daquele jogo foi a ousadia de Denílson, que encarou cinco jogadores turcos de uma só vez. O peito do torcedor menos jovem até aperta de saudade porque faz lembrar Mané Garrincha, com seus dribles de perna torta. Com o fim da partida, é hora de comemorar. Meu presente foi estar na final da Copa do Mundo. A cereja do bolo.

Jogo de final nunca é fácil. É batalha dura para os times que chegaram até ali. E naquela final estavam as duas melhores seleções de futebol do mundo: Brasil e Alemanha. O melhor ataque enfrentava a melhor defesa. Naquela época ainda não

dava pra imaginar que um dia – num futuro distante – existiria um 7 a 1 contra o Brasil em sua própria casa. Menos ainda que o goleiro da Seleção Alemã, adversária do Brasil, seria considerado o melhor jogador da Copa. Mas naquele tempo o Sr. Oliver Kahn também não poderia imaginar que teria de dar conta de um Ronaldo inspirado, com tanta sede de vitória. E não deu.

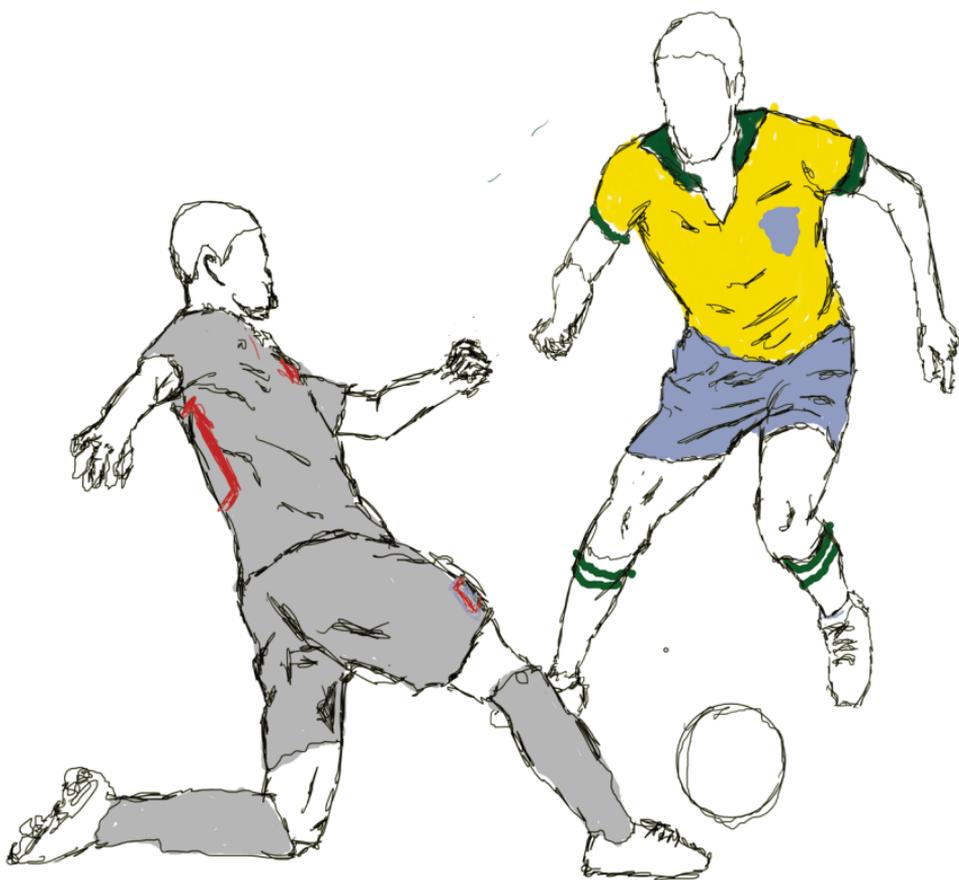
Em uma atuação espetacular dos 3 erres – Ronaldo, Rivaldo e Ronaldinho, acompanhados de Kleberson (o mesmo, contestado pelos torcedores quando da divulgação da seleção convocada) –, o Brasil venceu por 2 a 0 e calou todos aqueles que criticaram e repudiaram os nomes escolhidos para disputar o que viria a se transformar no pentacampeonato canarinho.

Com a conquista do título, o Brasil voltou a sorrir. O 2002 ficou na história como o ano do penta. Como Nelson Rodrigues disse em 1970, o país viveu “um carnaval fora de época”. A imagem de Vampeta dando cambalhotas no Palácio do Planalto, ao lado do então presidente Fernando Henrique Cardoso, ficou para sempre na cabeça de todos os brasileiros, em especial dos fãs de futebol.

Naquele dia, lá no Japão, não foi só o Cafu, capitão do time, que ergueu aquela taça. O Brasil inteiro estava com ele, colocando novamente o futebol moleque no topo do mundo.

# O PAÍS DO FUTEBOL

*Ler ao som de "Futebol - Chico Buarque",  
"Aqui é o país do futebol - Wilson Simonal",  
"É uma partida de futebol - Skank" e  
"Na veia - Marcelo D2".*



Brasil. Vivemos em um país que se auto intitula o “país do futebol”. Mas até onde isso é verdadeiro? Se o ponto de partida fosse um estudo histórico sobre o futebol no mundo, os ingleses ostentariam esse título. O Reino Unido foi o grande precursor do futebol. Tudo começou na Inglaterra e na Escócia, quando o Rugby e o Football ainda eram confundidos e, posteriormente, divididos a partir de habilidade distintas: o primeiro com as mãos e o segundo com os pés. Ainda assim, poderíamos cometer um erro.

Outros estudos indicam que os chineses já “brincavam” de dominar a bola com os pés muito antes dos ingleses. É sabido, no entanto, que não coube à China levar essa prática para o resto do mundo. E o país nunca foi um berço de atletas – nem mesmo uma potência nesse esporte.

Então por que tantos brasileiros se acham no direito de se apropriar desse “título”? A evolução do futebol no tempo responde essa pergunta. Ingleses e chineses, ainda que tenham tentado dominar a bola com os pés em um passado remoto, demonstraram, ao longo da história, menos habilidade em campo quando comparados aos brasileiros.

A Inglaterra, embora tenha revelado bons jogadores, tais como Bobby Moore, Bobby Charlton, Gary Lineker – e, mais recentemente, David Beckham, Frank Lampard, Steve Gerrard e Michael Owen – não mantém a mesma regularidade que o Brasil nesse quesito. Na verdade, o grande reconhecimento em relação à Inglaterra quando o assunto é futebol é a vitória na Copa do Mundo de 1966 – e de forma muito contestada por especialistas e adeptos do esporte bretão.

Naquela ocasião, a Inglaterra completava cem anos da formação de sua confederação de futebol. A FIFA, Federação Internacional de Futebol, decidiu, assim, realizar a Copa no Reino Unido, como forma de celebrar a data. Apesar de contar com a Liga de Futebol mais forte do mundo, os ingleses não davam muita atenção ao campeonato mundial de seleções – talvez por se sentirem superiores, uma vez que se consideraram “fundadores” do esporte. Naquele ano, a FIFA também concedeu ao país a prerrogativa da organização do evento. A Inglaterra saiu vencedora do torneio – seu primeiro e único título mundial. Com um detalhe: a batalha pelo título foi marcada por um gol irregular, mas validado pelos árbitros, fazendo com que muitos amantes do futebol contestassem, por muitos anos depois, a conquista dessa Copa pelos ingleses.

Outros países que, reconhecidamente, possuem mais tradição de bom futebol conquistaram sua fama a partir de boas apresentações em eventos de nível mundial e em disputas por títulos diversos ao longo dos anos. Estão nesse grupo Espanha, com um título; Argentina, França e Uruguai, com dois títulos cada; e Alemanha e Itália, que contabilizam quatro taças em suas salas de troféus. Entretanto, nenhum deles se auto intitula “o país do futebol”, muito provavelmente por causa da história do Brasil em campo.

A primeira Copa do Mundo foi realizada no Uruguai, em 1930, e a equipe anfitriã sagrou-se campeã do torneio – que teve o Brasil já na segunda colocação. Naquela época não havia análises tão precisas das estatísticas, como hoje. Importavam, naquele tempo, apenas o perfil dos participantes, a posição de cada time na copa, o campeão e o número de gols, entre outros

aspectos mais comuns. Mas começava ali a grande história da Seleção Brasileira de Futebol – a única que esteve presente em todas as Copas do Mundo já realizadas.

Duas décadas depois, em 1950, a FIFA escolhia o Brasil para sediar o evento no maior estádio do mundo, o Maracanã – construído especialmente para aquela copa. Mais uma vez, a seleção brasileira ficou com a medalha de prata, atrás do Uruguai, que conquistava seu bicampeonato. Mas, para os brasileiros, o melhor estava por vir. Na copa de 1958, um menino foi apresentado ao mundo: Edson Arantes do Nascimento, ou simplesmente Pelé. O jovem tinha apenas 17 anos e fez o extraordinário acontecer, enfrentando não só os adversários, mas o racismo, já devastador no mundo e, em especial seu próprio país. Pois naquele ano, com Pelé em campo, o Brasil conquistava seu primeiro título.

Em 1962 a façanha se dá novamente. Embalados pelo campeonato de 58, e mais uma vez com Pelé transformando os jogadores do time adversário em cones de trânsito, o Brasil chegou favorito. Mas o título não veio assim tão fácil. O jovem jogador do Santos se machucou na primeira partida e o desespero tomou conta da nação. Entretanto, fomos surpreendidos por um Mané – um rapaz baixinho, de pernas tortas. Garrincha cantou, encantou, driblou de uma forma inédita e ganhou. Pintamos o Chile de verde e amarelo e nos igualamos ao bicampeão Uruguai.

Passada a contestada Copa de 66, vencida pelos ingleses, foi a vez de o México sediar a Copa de 70. Empolgados com a música Ranchera e com o Mariachi, os brasileiros entra-

ram em campo confiantes com o retorno de Pelé. A equipe era comandada por ninguém menos que o campeão do mundo como jogador, Mário Jorge Lobo Zagallo. Conquistamos o tri e também o respeito mundial. O Brasil se tornou “a seleção a ser batida”.

De lá para cá, tivemos craques como Dinamite, Romário, Bebeto, Ronaldo, Rivaldo, Kaká, Lúcio, Roberto Carlos, Cafu, Dida, Taffarel, Marcos, Juninho Pernambucano, Gilberto Silva, Zico e o gênio, ou bruxo, como é carinhosamente chamado, Ronaldinho Gaúcho.

Conquistamos as copas de 1994 e 2002 e nos tornamos pentacampeões mundiais. Os únicos. E o futebol moleque, repleto de “brasileiragem”, alegria, samba e dribles, conquistou o mundo inteiro. Nossos craques se transformaram em campeões na Europa, na Ásia, nas Américas, na África e no Japão.

Talvez realmente faça sentido o termo “país do futebol”.



